

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAE
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS – FIEI

INGLIS SALES DOS SANTOS

**LINGUAGEM DOS RITUAIS DA CULTURA PATAXÓ: RELAÇÕES ENTRE
CANTOS E ADEREÇOS**

BELO HORIZONTE-MG
SETEMBRO/2020

INGLIS SALES DOS SANTOS

**LINGUAGEM DOS RITUAIS DA CULTURA PATAXÓ: RELAÇÕES ENTRE
CANTOS E ADEREÇOS**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em *Formação Intercultural para Educadores Indígenas*, na habilitação de Língua, arte e literatura.

Orientador: Professor Carlos Augusto Novais

BELO HORIZONTE -MG

SETEMBRO/2020

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado, primeiramente, a Niamisũ, o pai protetor e criador, que me guiou e deu a força necessária para sua conclusão.

Aos anciãos e anciãs Pataxó que já partiram, mas deixaram a memória e a história da luta e do sofrimento para que meu povo não desaparecesse, como muitos outros povos indígenas.

À minha família – meu pai, minha mãe, meus irmãos, filhos – e amigos.

Às pessoas que contribuíram para que eu pudesse cursar o FIEI, entre elas as lideranças que possuem uma luta incansável pela garantia dos nossos direitos enquanto Pataxó e indígena. E, especialmente, à minha aldeia.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Niamisũ (DEUS) pela força e sabedoria, aos anciãos que faleceram e deixaram a sua história de luta e resistência e aos que continuam vivos.

À minha mãe, Dalva dos Santos, em especial por ter cuidado dos meus filhos nesse período importante da minha vida, e ao meu pai, Jucelino Sales dos Santos.

Aos meus filhos, Aynoã Chaiane e Jocelino Aslam, por terem compreendido minha ausência no decorrer desse tempo, em muitas etapas das suas vidas.

Aos meus irmãos, Antônio, Jucinei, Amarildo, Leomi, Amarilson, Hercuri e Kainã; e às minhas irmãs, Juceli e Naraynam, por terem me ajudado, diretamente e indiretamente, na realização deste trabalho, dando apoio e força.

Também agradeço aos meus amigos, Magno Alves, Francisco Viana Filho e Wilson, por terem me ajudado, dando força nos momentos difíceis.

A Kawhã Pataxó, deixo meu agradecimento por ter me orientado no trabalho, pela força, paciência e compreensão.

Às pessoas que se disponibilizaram a darem as entrevistas, à minha aldeia Pataxó Meio da Mata, o meu muito obrigado.

Agradeço à Universidade Federal de Minas Gerais e à Faculdade de Educação, por terem aberto as portas para os universitários indígenas.

Agradeço a coordenadora do FIEI, Profa. Marina Tavares, à Vice Coordenadora, Profa. Shirley Miranda, à Coordenadora da turma da LAL, Profa. Maria Gorete Neto, aos professores do curso, aos bolsistas do FIEI, ao meu orientador e professor, Carlos Augusto Novais, às lideranças do conselho e aos meus colegas da CVN, CSH, LAL e Matemática.

RESUMO

Este produto do percurso acadêmico foi elaborado a partir de uma pesquisa de natureza qualitativa, realizada com o objetivo de contar parte da história de construção da aldeia Meio da Mata, localizada no município de Porto Seguro – BA. Busca valorizar a memória e a história dos anciãos e anciãs Pataxó. Através de entrevistas, é narrada a luta pela sobrevivência e permanência nos territórios. Aborda questões sobre a linguagem dos rituais tradicionais, compostos por cantos, comidas típicas, instrumentos musicais, inalantes e adereços. Dentre as práticas ritualísticas, o canto possui uma importância especial, ao proporcionar força, alegria, paz e conhecimento. Por fim, com esse percurso foram adquiridos vários conhecimentos que valorizam essa cultura única e especial.

Palavras-chave: Aldeia Pataxó Meio da Mata; Rituais tradicionais; Cantos e adereços; Memória e cultura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
BREVE APRESENTAÇÃO DAS PESSOAS ENTREVISTADAS PARA ESTE TRABALHO....	10
1. HISTÓRICO DA ALDEIA MEIO DA MATA	13
1.1 UM BREVE HISTÓRICO	13
1.2 RELAÇÃO DA ALDEIA MEIO DA MATA COM OS RITUAIS, CANTOS E ADEREÇOS	17
2. ALGUMAS PRÁTICAS CULTURAIS DOS PATAXÓ	22
2.1 RITUAIS PRESENTES DENTRO DOS TERRITÓRIOS PATAXÓS	25
2.1.1 <i>Ritual da Busca do Dia</i>	25
2.1.2 <i>Ritual da Busca do Pai da Mata e Hamãĩ</i>	26
2.1.3 <i>Ritual da Lua Cheia</i>	26
2.1.4 <i>Ritual Awê Heruê</i>	27
2.2 CANTOS E DANÇAS	30
2.2.1 <i>A Língua Patxôhã Como Afirmação da Identidade nos Cantos e Músicas</i>	31
2.3 ADEREÇOS E ADORNOS PATAXÓ UTILIZADOS NOS RITUAIS	34
2.3.1 <i>Cocar (Wrataká)</i>	35
2.3.2 <i>Colar (Masaká)</i>	36
2.3.3 <i>Tanga (Tupsay)</i>	37
2.3.4 <i>Brincos (êp'oy)</i>	38
2.3.5 <i>Pulseiras</i>	38
2.3.6 <i>Cintos</i>	39
2.3.7 <i>Prendedores de cabelo</i>	39
2.3.8 <i>Tiaras</i>	40
2.3.9 <i>Braceletes e tornozeleiras</i>	40
2.3.10 <i>Bustiês</i>	41
2.4 INSTRUMENTOS MUSICAIS UTILIZADOS NOS RITUAIS	41
2.4.1 <i>MaraKá (Marakãynã)</i>	42
2.4.2 <i>Tambor</i>	43
2.4.3 <i>Apitos</i>	43
2.5 INALAÇÃO: PRÁTICA CULTURAL	44
2.5.1 <i>Cachimbo (Tímbero)</i>	44
2.5.2 <i>Txamihakabu ou kuhú (Rapé)</i>	45
3. PROCESSO DE TRADUÇÕES DE ALGUNS CANTOS PATAXÓ	45
3.1 A IMPORTÂNCIA DOS CANTOS	46
3.2 CANTOS EM PATXÔHÃ E PORTUGUÊS.....	47
3.2.1 <i>Orações cantadas no início e no final dos rituais</i>	48
3.2.1.1 <i>Kanã Pataxí Petõi</i>	48
3.2.1.2 <i>Goiá Miãga</i>	49
3.2.1.3 <i>Ágwa're</i>	49
3.2.2 <i>cantos antigos</i>	50
3.2.2.1 <i>Hino Pataxó</i>	50
3.2.2.2 <i>O Cumade Kuitá</i>	50
3.2.2.3 <i>Fogo de 51</i>	51
3.2.2.4 <i>Masaká</i>	52
3.2.3 <i>Exercícios pessoais de tradução dos cantos</i>	52
3.2.3.1 <i>Mata da Jurema</i>	52
3.2.3.2 <i>Txuhap Pataxó</i>	53
3.2.3.3 <i>Pataxó Txihí Aponãhí</i>	53

3.2.3.4 Dawê Hayô.....	54
3.2.3.5 Tuhutary Paxixá	54
3.2.3.6 Japoterú Ahnã Āgwá're.....	55
3.2.4 Traduções de Terceiros	56
3.2.4.1 Pataxó Muká Mukaú.....	56
3.2.4.2 Āhō Trakejá.....	56
3.2.4.3 Niamisú Uĩ Itohã.....	57
3.2.4.4 Giktaíá Torotê Sūniatairá:.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS.....	60

INTRODUÇÃO

Meu nome é Inglis Sales dos Santos e pertencço à etnia Pataxó. Nasci e resido na aldeia Pataxó Meio da Mata que está localizada no município de Porto Seguro/BA. A aldeia possui, atualmente, cerca de 84 (oitenta e quatro) famílias e, aproximadamente, 271 (duzentas e setenta e uma) pessoas que sobrevivem, principalmente, da agricultura, da confecção e comércio do artesanato e da criação de peixe. A aldeia fica dentro do território indígena de Barra Velha com 8.627 hectares de terra. O povo Pataxó pertence ao tronco Macro jê.

A qualidade e o fascínio de sua originalidade contribuem muito para afirmação da minha cultura. A aura de mistérios e exotismo que cerca a nossa cultura e os elementos de seus rituais são muito importantes para sua definição e consolidação.

Dentre as práticas culturais que constituem nosso povo Pataxó, se destacam os adereços e as músicas, em que participam quase todos os membros das aldeias. Eles fazem seus adereços, pintam seus corpos e entoam seus cantos. Os cantos e os adereços tem um papel central. O interesse em pesquisar esse tema surgiu, justamente, quando percebi que algumas pessoas dentro da minha aldeia estavam dando pouca importância para nossa cultura. Por isso pensei em discutir neste trabalho, a importância das práticas e da confecção de nossas artes. Procuro buscar seus significados e registrar a história de cada um deles.

Quero mostrar que não é somente fazer, mas, sim, fortalecer e afirmar nossa cultura, mostrar a força que representa todos os adereços em nosso corpo e seus significados. Por isso, é importante relatar a essência dos cantos, das músicas e dos adereços. Destes, apresento a preparação da tinta, a escolha das sementes e das penas que são utilizadas. Minha preocupação é que, no futuro, essa beleza e esse encanto, não venham a ser adormecidos dentro da minha aldeia.

Procuro valorizar a cultura indígena Pataxó e suas manifestações e ensinamentos, explicitar que suas práticas nos permitem, de forma

diversificada, permanecer unidos uns aos outros, junto com nossos anciões e ancestrais.

Este trabalho apresenta uma natureza exploratória, de característica descritiva e explicativa. As informações e referências bibliográficas estão em diálogo com outros percursos apresentados na UFMG, por outros colegas do FIEI. Nas pesquisas de campo, estão presentes roteiros de entrevistas com pessoas de diferentes grupos etários, que viveram no período da construção da aldeia e de outros jovens contemporâneos. Fotografias registram os diversos aspectos de qualidade dos adereços.

No primeiro capítulo, apresento um breve histórico da minha aldeia Meio da Mata. Destaco várias informações do processo da sua construção, desde o ano de 1975. Descrevo a relação da aldeia com os rituais, cantos e adereços no decorrer dos anos. Para levantar esses dados, recorri a alguns moradores jovens e mais velhos da aldeia e a José Sales, de Barra Velha.

No segundo capítulo, apresento as várias práticas da cultura Pataxó, a utilização da medicina tradicional, a construção das formas de habitação, a prática dos rituais, da pesca e caçada, o preparo de comidas e bebidas, a produção de artesanato, as brincadeiras, as histórias e pinturas corporais. Faço um breve resumo dos diversos tipos de rituais dentro dos territórios Pataxó, como o Ritual da Busca do Dia, uma tradição da aldeia mãe Barra Velha, na Bahia; o Ritual da Busca do Pai da Mata e Hamãĩ, realizado exclusivamente pelos Pataxó de Carmésia/MG; o Ritual da Lua Cheia, costume que várias aldeias realizam todos os meses; e o Ritual do Awê Heruê, uma prática viva de todas as aldeias Pataxó, que fazemos antes das atividades que realizamos.

Neste mesmo capítulo, abordo os costumes, as músicas, os cantos e danças. Cada um tem uma profunda relevância, carregando consigo bens culturais e espirituais. Trago a língua Pataxó, o Patxôhã, como identidade nas músicas e cantos, como uma força de afirmação indentitária. O Patxôhã presente neste trabalho é para expressar nosso processo de resgate da nossa língua.

Apresento, ainda, vários adereços Pataxó, como o cocar, o colar, a pulseira, a tornozeleira, os braceletes, a tanga, o bustiê, os brincos, os prendedores de cabelo, a tiara e o cinto. Também mostro os inalantes, o kuhú e o timbero, além dos instrumentos musicais, como marakás, apitos e

tambores. São elementos importantes de práticas muito utilizadas nas nossas comunidades.

No terceiro capítulo, discuto as inúmeras músicas e cantos que nos trazem alegria, paz, amor, união, espiritualidade e a conexão com nossos ancestrais. Falo da importância que elas representam. Temos cantos, originalmente, tanto no Português, quanto no Patxôhã. Mostro exemplos de orações de início e final de rituais, algumas músicas antigas no português, em que fiz um trabalho de tradução, o hino Pataxó, e também músicas novas na língua Patxôhã, traduzidas para o Português.

A diversidade de rituais e adereços que temos é um conjunto que se destaca pelas qualidades próprias, possuindo uma riqueza de matérias naturais. A língua Pataxó, o Patxôhã, estará presente neste trabalho para expressar nosso processo de resgate da nossa língua tradicional.

BREVE APRESENTAÇÃO DAS PESSOAS ENTREVISTADAS PARA ESTE TRABALHO

Dalva dos santos: possui 56 anos, é casada com Juscelino Sales dos Santos; teve onze filhos (três falecidos, oito vivos), dezessete netos, quatro bisnetos, é evangélica, nasceu na aldeia dos Maxakalí, e pertence ao povo karirí Sapuyá de Pau Brasil, terra indígena Caramuru Catarina Paraguaçu. Atualmente, reside na aldeia indígena Pataxó Meio da Mata, do Território Indígena Barra Velha, Porto Seguro/BA, há 43 anos. Decidi entrevistá-la pelo fato de ela ser uma das primeiras moradoras da aldeia Meio da Mata e fazer parte da construção da aldeia. Era agricultora, artesã, hoje é dona de casa. Dona Dalva, como é conhecida, foi importantíssima para a conclusão do meu percurso, por ter lutado todos esses anos com seu esposo para melhoria da nossa aldeia, exemplo de mulher.

Jucelino Sales dos Santos: nasceu no ano de 1951, tem 68 anos, é casado com Dalva dos Santos; tiveram onze filhos (três falecidos, oito vivos), dezessete netos e quatro bisnetos. Do seu primeiro casamento, tem um filho e cinco netos. Nasceu em Porto da Palha, um lugar à margem do Rio Caraíva,

dentro do Território Indígena Barra Velha. Morou nas aldeias Barra Velha e Porto do Boi; atualmente, reside na Aldeia Meio da Mata, Porto Seguro/BA. A decisão de entrevistá-lo foi pela sua participação na construção da aldeia Meio da Mata, por ser uma das primeiras lideranças (inicialmente foi o vice cacique). Sempre foi agricultor e foi o único filho de meu avô Francisco Severiano (Chico Palha), que permaneceu na aldeia até hoje. Ele foi fundamental para minha pesquisa de percurso por ter vivido e fazer parte da história da minha aldeia.

Jose Sales dos Santos: conhecido como Piega, nome indígena Maçaranduba Pataxó, nasceu no Ribeirão, lugar que fica dentro do Território indígena Barra Velha, em Porto Seguro/BA. Nasceu no ano de 1946, tem 73 anos, casado com Maria José Braz dos Santos, tem onze filhos, trinta e cinco netos e trinta bisnetos. Hoje, vive na aldeia Barra Velha e é uma liderança muito respeitada, pois lutou bastante para melhoria da aldeia Mãe; presenciou o terrível massacre de 1951, acontecido em Barra Velha; na época, ele tinha cinco anos. Filho de Francisco Severiano (Chico Palha), o fundador da aldeia Meio da Mata.

Josenildo de Oliveira Brito: conhecido como Josi, nasceu no ano de 1989, na fazenda Limoeiro, no município de Porto Seguro/BA. Tem 30 anos, casado com Daniele de Almeida Caldeira, tem dois filhos. É professor indígena, na escola indígena Pataxó Meio da Mata, e também é uma liderança importante para aldeia. Um dos jovens que criou um grupo de ritual e foi importantíssimo no processo cultural na minha comunidade. Atualmente, é um grande articulador nas questões sociais, busca sempre melhorias para nossa aldeia, através de projetos.

Nadilson dos Santos Conceição: de nome indígena xihnã, nasceu em 1998, tem 21 anos, reside na aldeia Meio da Mata, município de Porto Seguro/BA. Atualmente, é professor de Patxôhã, cursa pedagogia na universidade Uninta, em Itamaraju. Casado com Andreia Braz Santos, não tem filhos. São evangélicos. Ele é um jovem atuante na cultura Pataxó, uma referência na comunidade.

Maria da Conceição Braz: conhecida como Ção, é indígena da etnia Pataxó, mora na aldeia Meio da Mata e é casada com Arivaldo da Silva Brito. Nasceu no ano de 1967, está com 52 anos, tem oito filhos e cinco netos. Foi a primeira parteira. Atualmente, faz parte do conjunto de lideranças da aldeia, é evangélica. Fez parte da construção da aldeia com seus pais.

1. HISTÓRICO DA ALDEIA MEIO DA MATA

Apresentamos, a seguir, em linhas gerais, a constituição da Aldeia Meio da Mata.

1.1 UM BREVE HISTÓRICO

No ano de 1975, Francisco Severiano dos Santos foi agricultor, artesão (fazia canoa), serrador de madeira, carreiro (puxava bois de ganga) e tropeiro. Ficou conhecido como Chico Palha, por ser o primeiro morador de um lugar chamado Porto da Palha, às margens do Rio Caraíva. Ele morava no Porto do Boi, a seis quilômetros da aldeia Barra Velha, no município de Porto Seguro. Teve 15 filhos, nunca saiu do território e trabalhava também para os fazendeiros da região.

Certa vez, pegou um cavalo, subiu em direção ao Monte Pascoal e parou em um local onde só havia mata em volta, com o rio Caraíva à sua direita. Fez uma barraca de palha de palmeira no local, dormindo em tarimba (um tipo de cama, feita de ripas de patí e outras madeiras). Começou a limpar umas áreas para fazer roças. Nessa época, os guardas do IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal) perseguiram os indígenas, destruindo suas casas, roças, tudo que tinham. Eles descobriram que Chico Palha habitava ali quando ele teve que fazer queimada na área que havia limpado. Entretanto, Chico Palha era compadre de um dos guardas, o Siquara, que não permitiu que seus companheiros derrubassem e desmanchassem suas rocinhas. Ele, então, permaneceu cinco dias nesse lugar, sozinho, em que deu o nome de Severo, por ser um lugar distante de tudo, de difícil acesso. Quando retornava para casa, levava banana, feijão, cana, caças munquinhas (tratadas, levadas ao fogo para ser quase assadas, uma forma de sua conservação). José Sales, um dos seus filhos, relata: “O véio ficou indo no Severo durante uns quatro anos, às vezes sozinho, tinha vez que ia com um rapazinho, chamado Zé Mascate”. Esclareço que todas as citações de fala

transcritas, a seguir, neste trabalho, são frutos de entrevistas realizadas e gravadas pela autora, durante seu percurso acadêmico.

Em um belo dia, Chico Palha reuniu seus filhos casados, pediu que eles fossem morar com ele no Severo, pois se sentia muito sozinho, cansado de trabalhar. A partir desse momento, seus quatro filhos e família foram para o Severo, fizeram barracas de palhas de palmeiras, dormindo em tarimbas. Começaram a fazer roças, plantavam de tudo um pouco, banana, mandioca, aipim, cana, abóbora, feijão, milho, batata; e criavam alguns animais, como galinha, pato e porco.

Antes dos filhos de Chico Palha vir morar com ele, chegaram umas famílias dos “Abades” e dos “Braz”, que se assentaram mais acima do Severo, onde eles deram o nome de Estivado (recebeu este nome pela existência de uma construção, uma espécie de ponte de paus roliços, sobre lamas de brejos, até o porto aberto às margens do rio Caraíva). Fizeram umas barracas de palhas de palmeiras para morarem e começaram a fazer roças, criar alguns animais, como galinhas, jegues, porcos, perus e cocas (galinhas d’angolas).

Um ano e meio depois da vinda dos filhos de Chico Palha, informa um dos seus filhos, Juscelino Sales: “pai morreu de câncer quando minha filha Juceli tinha quatro meses de nascida, exatamente há 38 anos, mas permanece presente em nossas memórias”. Seus filhos permaneceram no Severo como ele havia pedido, mas anos depois foram embora para a aldeia Barra Velha e Porto do Boi. Juscelino Sales, conhecido como Nena, permaneceu com sua família. Nesse tempo, tinha um casal de filhos, Jucinei Sales e Juceli Sales, e sua esposa Dalva dos Santos. Também permaneceu em Severo Maria do Socorro, conhecida como Corrim, e sua família. Ali viveu muitos anos, sua casa ficava do outro lado de um córrego, que até hoje chamamos Córrego de Carro Pesca, nome dado em homenagem ao marido de Corrim, que possuía o apelido de Carro Pesca.

Tempos depois, quando a aldeia já existia, foram chegando mais parentes para o Estivado, pois o senhor Benedito Braz, um dos seus primeiros caciques, deu uns pedaços de terra para crescer o lugar. Também, nesse mesmo tempo, chegaram mais indígenas nos pertences dos Abades.

A partir desse momento, os parentes reunidos criaram a Aldeia Meio da Mata e nomearam o primeiro cacique, Joel Braz, e o vice-cacique, Juscelino

Sales. Dalva dos Santos afirma: “meu pai foi muito importante para nós, sabia ler, escrever, trouxe muitas coisas para dentro da aldeia nesse tempo”. Destaco a construção da escola, uma pequena farmácia e o registro da aldeia.

Herculano Pataxó dos Santos, pai de Dalva dos Santos, morou na aldeia Caramuru, em Pau Brasil (BA), entre os Maxacali (MG), na Aldeia Barra Velha (Porto Seguro - BA), e foi o primeiro morador da aldeia Boca da Mata. Residiu também com os Pataxó na aldeia Guarani, em Carmésia (MG), após separar-se de sua esposa, que retornou para sua terra de origem, aldeia Caramuru Catarina Paraguaçu, em Pau Brasil. Ele veio, então, morar com sua filha no Severo, e deu muitas contribuições para a constituição da aldeia. Dalva dos santos confirma:

Pai conversou com os parentes moradores do Severo e Estivado, disse que ele queria registrar esses lugares como aldeia na FUNAI; os moradores do Estivado concordaram, porém os moradores do Severo não aceitaram que fosse à FUNAI; finalmente, foi na FUNAI de Eunápolis e registrou o Estivado como Aldeia Meio da Mata.

A aldeia ganhou esse nome por ficar exatamente entre duas outras aldeias, a aldeia mãe de Barra Velha e a aldeia Boca da Mata. Os moradores do Meio da Mata e do Severo sobreviviam da caça, da pesca, e plantavam. Após as colheitas, faziam cargas de animais com todos os alimentos cultivados, como a farinha, e desciam para os vilarejos como Caraíva, Corumbau e aldeia Barra Velha, onde vendiam e trocavam seus alimentos por peixes etc.

Herculano montou uma pequena farmácia na casa da sua filha. Dalva destaca:

Buscava os remédios na FUNAI em Eunápolis; ele pegava o carro do leite na Fazenda Grande. Atravessava o rio e ia andando até lá, onde pegava o carro do leite até o Monte Pascoal; de lá, pegava o ônibus até Eunápolis. Era assim um sufoco danado!

A FUNAI contratou Herculano como enfermeiro da aldeia. Após três meses, foi “descontratado” devido não ter documentos; contudo, continuou sendo voluntário, pois tinha grande conhecimento na área.

Jucelino Sales relata: “o véio Herculano que puxou com ele, com o padre pra fazer a igreja, a igreja tipo escola era tudo junto”. Em seguida, Dalva explica:

Tudo foi pai, minha fia, pai trazia o padre da Boca da Mata, lá de cima, no cavalo, trazia aqui, montado, Frei Constantino, andou aqui dentro, casou Nilda, tudo aqui dentro na barraca de palha ali, tudo ali, onde ia ser uma farinheira [casa de fazer farinha], nos batizou os filhos de Mocinha tudo ali.

A primeira escola foi construída no Severo por intermédio de Herculano com frei Constantino. O material chegou ao Limoeiro, uma fazenda do outro lado do Rio Caraíva, carregado nas costas, depois foi transportado de canoa do porto para o lugar onde foi feita a escola, levado por animais, pois não existia estrada que dava para carros passarem, apenas animais e pessoas faziam o tráfego. Dalva assegura: “tudo foi puxado pelo pai, pai que pediu o CIMI”. A mão de obra foi paga pelo CIMI (Conselho Indianista Missionário). A primeira professora foi Dicó, seu salário eram os pais que pagavam, pois queriam que seus filhos estudassem. Afirma Juscelino: “dava aula em uma palhoça” (uma espécie de casa feita de palhas de palmeira).

Depois que a escola foi construída, passaram vários outros professores contratados pelo município. A escola possuía energia solar, apenas uma sala de aula, dois banheiros, uma cozinha e um quarto onde ficavam os professores. Naquele tempo, não havia energia elétrica na aldeia, usava-se candieiros e velas. Tampouco tinha água encanada, todos tinham que tomar banho, lavar pratos e roupas nos córregos. Anos depois, a escola foi destruída por um vento forte. Juscelino certifica: “foi um vento noroeste muito forte, com chuvas que acabaram com o telhado, paredes da escola”. Depois desse acontecimento, as aulas foram paralisadas, por muito tempo. Então, o cacique Maria José reuniu os homens da aldeia e fez um barracão de palha de palmeira. Para as aulas no próximo ano continuarem, eram lecionadas em uma cabaninha, no barracão. Tempos depois, o espaço da igreja cristã apostólica missionária também foi usada como sala de aula. A escola tinha até a quarta série; do sexto ano em diante, tinha que ir estudar na escola de Barra Velha.

A atual Escola Indígena Pataxó Meio da Mata é uma grande conquista para a comunidade. O ex-cacique João Batata lutou muito para a construção do prédio. Foi construída no ano de 2006, pela prefeitura de Porto Seguro. Possuía, simplesmente, duas salas de aula, dois banheiros, uma secretaria, uma cozinha e um depósito. O número de alunos foi crescendo e houve a

necessidade de aumentar o prédio escolar. Foram, então, construídas mais duas salas de aula, um pátio e uma secretaria maior, no ano de 2015. Até o ano de 2017, funcionava apenas do Ensino Infantil ao Ensino Fundamental II; os alunos tinham que concluir o Ensino Médio nas escolas de Boca da Mata e de Barra Velha. A partir do ano de 2018, foi implantado o Ensino Médio pelo Estado, uma extensão do Colégio Estadual de Coroa Vermelha. Atualmente é o segundo ano de funcionamento do Ensino Médio na escola, o que representa uma grande vitória para nós da aldeia, conseguida com muito esforço pelo jovem Josenildo Brito, um dos fortes ativistas atuais da aldeia.

A aldeia indígena Pataxó Meio da Mata fica no Território Indígena de Barra Velha e possui, hoje, 66 famílias, 271 habitantes. Possui energia elétrica, internet, água encanada, um posto de saúde, três igrejas evangélicas, uma igreja católica e um centro cultural. A maioria das casas é de tábuas, algumas poucas de taipas e de tijolos. Sobrevivem da agricultura, artesanatos de madeiras, da pesca, e caça; alguns são funcionários públicos, trabalham na escola, no posto de saúde. A aldeia Meio da Mata é a maior produtora de pimenta do reino entre as aldeias Pataxó da Bahia. A aldeia passa por uma triste realidade na área da saúde, não tendo, no momento, assistência médica, nem tampouco carros da SESAI (Secretaria Especial de Saúde indígena). As estradas que dão acesso à aldeia não têm manutenção pela prefeitura; quando chove, ficamos ilhados na aldeia; o transporte público também não existe.

Jucelino Sales foi o único filho de Francisco que nunca saiu do Severo, reside na aldeia até hoje; desde sempre, foi agricultor.

1.2 RELAÇÃO DA ALDEIA MEIO DA MATA COM OS RITUAIS, CANTOS E ADEREÇOS

Na aldeia, atualmente, há uma resistência por parte de muitos fazerem o uso de cantos e adereços, por influências da chegada de não índios, através da religião evangélica. Por isso, poucos fazem seu uso, sendo realizados mais por alguns jovens, crianças e poucas mulheres e homens. Nem por isso deixam de expressar o orgulho dos seus costumes e tradições. Como afirma Geovana Almeida:

Minha religião não me impede de me trajar... a cultura é importante porque não podemos perder nossas tradições... não está igual como era com nossos antepassados, mas nós não perdemos nossa cultura não. A prática dos rituais está adormecida, pratica só perto do dia do índio.

Os rituais estão presentes em várias festividades, como na Semana Cultural, no dia 19 de abril, em algum evento na igreja apostólica Missionária do Meio da Mata. Rodrigo Abade afirma:

Tá adormecido o ritual aqui, tem uma vez no ano, dia dos índios somente. Somente alunos mesmo que participam. Neste ano que teve uns 'Awêzinhos' de dois, três meses. Tem igrejas evangélicas que influenciam, mas atrapalham não, tem umas que pedem pra traduzir músicas para o Patxôhã, fazem Awê na igreja.

Awê é um ritual tradicional do povo Pataxó, realizado em círculo ou fila, nos festejos ou não, em que todos participam. Este tema, o Awê, será apresentado de forma mais abrangente nos capítulos seguintes.

A escola contribui muito para essa questão. O professor de Patxôhã questiona os alunos, pois muitos fazem o uso, às vezes, obrigados por valer nota e não por terem o costume de usar o adereço no dia a dia. Por isso, alguns tem vergonha de fazer o uso, mas há outros que amam cantar e se vestir com nossos adereços. Como relata Rodrigo Abade:

Eu não uso adereços porque não tenho, mas acho importante, vou comprar pra mim. Os pais não usam, não participam dos rituais, acho que têm vergonha, mas eles sabem, a cultura é importante pra mim, mas muitos nem ligam.

A Igreja Apostólica Missionária do Meio da Mata é uma parceira quando a questão é cultura. Os pastores fazem questão que os louvores sejam traduzidos para a nossa língua, o Patxôhã, em eventos que recebem caravanas. Outras igrejas de fora da aldeia também atuam não só em eventos, pois fazem questão que os indígenas cristãos vão com seus trajes para fazerem o Awê. Dalva dos Santos afirma:

Acho muito importante nossa cultura. Claro, o índio tem que ter sua cultura, tem que falar seu idioma, tem que praticar a língua, fazer o Awê, que é da nossa natureza. Muito importante ser passado na escola, ensinado para as crianças. Acho que alguns têm vergonha,

porque muitas pessoas criticam também, eu gosto de ver, de assistir o Awê, mas não participo hoje, ando doente. É preconceito de si próprio, fica com vergonha dos outros ficarem olhando, mangando, por isso muitos não participam dos rituais, não usam trajes. Se todos participassem, de grande a pequeno, ninguém ia ignorar. A minha religião evangélica não proíbe nossa cultura, nós fazemos até Awê dentro da igreja. No meu conhecimento, as igrejas não devem, não podem proibir a cultura, pois podemos adorar a Tupã que é Deus, nos nossos Awês.

Hoje, quase não se faz o Awê. Geralmente, acontece algum no mês de abril. Poucas pessoas sabem confeccionar os adereços na aldeia, mas há mestres na aldeia que passam seus conhecimentos para os parentes que querem e procuram aprender.

O entrevistado Nadilson dos Santos faz o seguinte relato:

Na minha aldeia, a cultura pataxó está bem fragilizada, por motivo da entrada dos não índios trazendo outras culturas para a comunidade. Antigamente, meus parentes eram bem interagidos com a cultura pataxó, porém, alguns jovens da minha aldeia, hoje, tem vergonha da própria cultura, não sabendo até mesmo cantar os cantos pataxós na língua Patxôhã. Na atualidade, estamos lutando para que esses costumes venham a ser vividos no dia a dia de cada um do povo da minha comunidade, levando a importância da cultura para dentro da sala de aula, tentando fazer que isso vire uma prática, levando os meninos a terem habilidades nas pinturas, criarem novas músicas e usarem os adereços não só no dia 19 de abril. Os cantos estão sendo uma dor de cabeça para mim, que sou professor de patxôhã, porque mais da metade dos alunos ainda não sabe como cantar, levando os alunos a ficarem com vergonha de ficar na roda, principalmente de ficar trajado; porque eles não têm o costume de usar a tanga, o colar e até balançar o maracá. Isso tudo aconteceu com minha cultura aqui na minha comunidade porque ela foi adormecida durante um período de tempo, mas ela acordou, juntamente com a gente, um povo guerreiro que nunca desistimos de lutar. A minha comunidade se envolve muito pouco quando fala a respeito da cultura. As lideranças, a cacique e os mais velhos não se interagem como deviam, porque eles teriam que ser o exemplo para nós que somos jovens, fazendo que muitos das crianças e jovens não deem importância para a prática do ritual e uso dos adereços. Antes, o povo Pataxó da minha comunidade tinha muita dificuldade para criar os adereços, eram poucos índios que tinham a habilidade de fazer as artes Pataxó. Cada adereço era bem simples e não tinha muitos detalhes, bem diferente dos dias atuais que são bem detalhados. Pegamos a prática e, agora, confeccionamos nossos adereços com mais beleza do que possuíam antes. Exemplo: o colar, o maracá, a tanga, o arco e flecha, o takape, que nós, Pataxó daqui, já estamos ficando profissionais nessas confecções.

Quando participo dos Awês, amo porque o canto me traz uma alegria, paz, e ao usar meus adornos me sinto protegida. Acredito que cada adorno tem sua forma de proteção, significa muito quando faço o uso.

No ano de 2006, um jovem chamado Josenildo Brito criou um grupo de Awê chamado Xarikuã. Dançavam, cantavam no meio do campo de futebol e no Centro Cultural com adolescentes e jovens. Todo final de semana fazíamos o ritual Awê, havia um bom número de pessoas, criávamos músicas no idioma Patxôhã, fazíamos apresentações em eventos, entre outras ações. Participava dos jogos indígenas, em Coroa vermelha, Porto Seguro - BA, um grupo muito ativo. Um tempo depois, várias dessas pessoas se casaram e foram morar em outras aldeias, em outras cidades. O grupo Xarikuã acabou, durou, aproximadamente, três anos. Atualmente, a maioria dos participantes desse grupo voltou a morar na aldeia Meio da Mata, porém o grupo não retornou com suas atividades. Josenildo de Oliveira Brito afirma:

Iniciamos em 2006. Foi um incentivo muito bom para os jovens da aldeia Meio da Mata. Naquela época, nós conseguimos reunir uma quantidade de cinco jovens, o grupo foi crescendo de acordo com a conscientização. Depois que tínhamos um número maior de jovens, éramos convidados para os jogos Indígenas em Porto Seguro, em Coroa Vermelha, tínhamos também duas vagas para os jogos mundiais. Em 2010, fui morar na cidade de Itamaraju, onde casei anos depois, muitos das meninas casaram e foram morar em outras aldeias, o grupo acabou. Hoje, temos que incentivar os meninos, os jovens, os mais velhos, temos que começar a fazer o Awê uma vez no mês, comidas, bebidas típicas. Nós só conseguimos fortalecer a cultura, quando nós vivemos ela. Temos que nos unirmos para conscientizar essa nossa nova geração, o quanto é importante a prática da nossa cultura. A internet, a televisão, hoje, são uma grande barreira que encontramos dentro da comunidade, os meninos não deixam para participar de um Awê. Aí dá um enfraquecimento mesmo nesta questão.

A primeira cacique mulher foi Maria José Braz que, infelizmente, é falecida. Uma mulher guerreira que, em vida, lutou muito pela sua comunidade; era praticante do ritual Toré, como ela chamava (Toré é um ritual tradicional de outros povos do norte da Bahia, como Kirirí, Tuxá, entre outros do Nordeste. Nas viagens, eventos e mobilizações, vários indígenas Pataxó participaram e acabaram aprendendo alguns Toré de outros povos, que eram e são socializados neste momentos. Por isso, alguns Pataxó usam esse termo “Toré”). Maria José reunia a comunidade para fazer ritual e dele participavam muitas pessoas. Ela fazia questão que seus filhos participassem com os outros membros em geral. Maria da Conceição Braz relata:

Mamãe toda vida gostou desses negócios do Toré. Quando chegava gente aqui ela vinha aqui para cima toda encasquetada, se vestia toda com tanga, bustiê, casquete. Ela queria nossa comunidade unida, queria ver nós todos praticando o Toré.

Depois que ela faleceu, foi adormecida a prática do Awê, até o surgimento do grupo Xarikuã.

2. ALGUMAS PRÁTICAS CULTURAIS DOS PATAXÓ

O indígena carrega consigo características próprias de um povo que enfrentou e enfrenta muitas lutas para, assim, não perdê-las. Tais características consolidam os avanços e mantém vivo os ideais construídos ao longo do tempo. As ferramentas necessárias para tais proezas são as práticas culturais desenvolvidas durante os muitos anos, como a utilização da medicina tradicional, a construção das formas de habitação, a prática dos rituais, da pesca e caçada, o preparo de comidas e bebidas, a produção de artesanato, as brincadeiras, histórias, pinturas corporais, dentre outras.

A parteira de uma comunidade é uma grande sábia, possui vários conhecimentos tradicionais como as técnicas de acompanhamento da mulher que está parida e da criança, conhecimentos dominados (por essas guerreiras) na preparação das plantas e ervas medicinais que são utilizados por ela na hora da realização do parto. Na comunidade, algumas das mulheres preferem dar à luz aos seus filhos na aldeia e por uma parteira. Dalva Santos relata abaixo sua experiência:

Nove dos meus filhos, eu ganhei (pari) foi com parteira. Minha cunhada Corim (Maria do Socorro) é importante dentro da aldeia; é uma parteira, faz banhos, esfregação na nossa barriga, ela conhece quando a criança está sentada ou atravessada, ela conserta, ajuda na hora das dores e, no hospital, não nos deixa ficar sozinhas, jogadas. Meu último parto foi no hospital porque estava grávida de gêmeos e um dos meninos morreu dentro da barriga, com sete meses. A parteira transmite paz, tranquilidade. Quando o parto é difícil ela faz reza, oração na nossa barriga e, às vezes, manda chamar outra parteira mais experiente para ajudar, quando o parto tá muito difícil na hora.

Ao comentar sobre as formas de habitação, podemos destacar algumas praticadas até hoje, como o “embarreio”, ou “roubada da casa”, em que as casas são feitas de barro. Essa prática do embarreio é usada até hoje por alguns moradores da aldeia, a partir do convite do dono da casa que é feito para outros moradores, família, amigos e parentes conhecidos, para ajudá-lo a “embarrear” sua casa. No dia combinado, vão homens e mulheres; é um momento de alegria, diversão, em que colocam as novidades em dia. Os homens ficam na parte pesada do embarreio e as mulheres cuidam do almoço

oferecido pelo dono da casa. Essa prática ainda pode ser vista em algumas aldeias, como forma da tradição. Também existem casas de pau-a-pique ou palha. Atualmente, a maioria das casas nas aldeias Pataxó é de alvenaria. Na minha aldeia, temos apenas duas casas de alvenaria, a maioria é de tábuas e de taipas. Podemos confirmar nos relatos de Jucelino e Dalva:

Quando a casa estava no ponto, pronta para embarrear, a casa era “roubada”, chegavam muitos homens e mulheres com tambores, pandeiros, cantando; isso era de madrugada, os homens começavam a pisar o barro e embarrear a casa, matavam o que o dono tinha no terreiro, porco, galinha, para as mulheres prepararem o almoço. O dono da casa não podia ir lá para ver a casa; se fosse, era amarrado e, no final do embarreio, era jogado dentro do barreiro. Hoje, é o dono da casa que convida os homens e mulheres para o embarreio, como mutirão. Era maior alegria, um zuadeiro, nós só fazia casa assim, roubava as casas.

O pajé de uma aldeia tem um papel essencial. Além de ser uma grande e forte liderança na comunidade, é um grande sábio; temos grande respeito por esse guerreiro, ele é, para a maioria das pessoas, um curador, principalmente, por preparar remédios naturais de grande eficácia, além de benzer e curar pessoas por meio de suas rezas e das plantas. Portanto, é um médico indígena que faz receitas com as ervas medicinais. Seus ensinamentos e suas medicações proporcionam grandes curas e alívios a muitas pessoas. Seus conhecimentos são transmitidos por meio da oralidade, de geração em geração.

A prática da pesca é uma das principais atividades econômicas e de subsistência do povo Pataxó. Alguns instrumentos de pesca foram mantidos como é o caso do surú, do jequiar com tapagem e das canoas. Também são usados redes de náilon, linha e anzol. Atualmente, vários parentes são pescadores nas comunidades que são banhadas pelo mar. Temos um tipo de pesca que se chama “bater raiz”, em que se usam tarrafas, redes e varas para fazer a captura dos peixes. Isso é feito nos riachos dos mangues e depende da maré, da fase da lua e de um horário certo para ter uma boa pescaria, desse modo:

A gente abre a tarrafa que é uma espécie de rede. Um colega vai nos cantos do mangue e vai batendo com a vara do lado contrário para espantar os peixes, enquanto o outro lado a rede fica aberta, e aí vai

batendo com a vara espantando os peixes pra eles cair dentro da rede. (XORRÓ, citado por NASCIMENTO, 2018, p.36)

O preparo do peixe é feito na folha de patioba, prática muito comum no dia a dia do nosso povo.

A fogueira durante o Awê também é uma prática essencial. Os kakusú (homens) pegam a lenha na mata durante o dia e a levam para o lugar em que será realizado o ritual; deixam a fogueira preparada, e, durante a noite, ou pouco antes de começar o ritual, o responsável por ela acende para as pessoas que forem chegando já irem entrando no clima da festa. A fogueira aquece nossos espíritos. O ato de colocar lenha na fogueira para não deixar apagar o fogo tem um grande valor simbólico, a lenha simboliza nossa união em busca pelos nossos direitos.

Outra prática do povo Pataxó são as pinturas corporais e o grafismo que tem relação com os artesanatos. Os traços surgiram do entrelaçamento das diferentes folhas de palmeiras encontradas nas matas e também em áreas litorâneas da aldeia. As palmeiras que são usadas para se fazer as tranças são a Jussara e o Xandó. As tranças dos artesanatos, com vários traços e formatos, são também usadas para ornamentar arcos, flechas e lanças. Os traços também são encontrados em artesanatos de madeira, onde se pega um espeto de ferro pontiagudo e deixa no fogo durante um tempo, até ficar vermelho em brasa. Com ele, são feitos os traços em alguns artesanatos de madeira. Atualmente, também é usado um pirógrafo para fazer as pinturas nos artesanatos.

A seguir, apresentarei as noções gerais da pintura Pataxó, patrimônio cultural carregado de história e registro do povo, passado de nossos anciões para os jovens. Assim transmitimos nossos costumes, os conhecimentos ancestrais, para a nova geração, perpetuando toda nossa tradição e existência entre nosso grupo, conservando na memória as histórias do nosso povo.

A pintura corporal é o registro da história de um povo feito no corpo, pois elas representam a renovação do corpo e da alma. As pinturas Pataxó identificam quem somos e afirmam nossa identidade. As pinturas Pataxó sofreram mudanças em suas formas e ganharam mais detalhes e traços ao longo do processo histórico.

Temos várias pinturas corporais, cada aldeia sempre apresenta uma pintura diferente e todas estão voltadas aos elementos da natureza. Usamos, por exemplo, as pinturas da borboleta, do besouro, da onça e do peixe. Há pinturas que são específicas para mulheres, homens e crianças, em partes diferentes do corpo, como rostos, braços, costas e pernas. Há diversidade de tamanhos e significados. A pessoa sempre deve saber o significado da pintura que está sendo produzida para, assim, dar harmonia ao momento. Cada vez que uma pessoa for pintada é necessário que ela fique suada, por que o suor é sinal de renovação corporal. A pessoa, ao se pintar, está se ligando ao sagrado e, assim, recebendo mais proteção de Niamisũ.

2.1 RITUAIS PRESENTES DENTRO DOS TERRITÓRIOS PATAXÓS

Apresentamos, a seguir, uma breve descrição dos rituais praticados pelos Pataxó.

2.1.1 Ritual da Busca do Dia

É realizado na aldeia mãe de Barra Velha. No dia 18 de abril, alguns grupos de pessoas vão para a praia, à noite, e cantam, dançam, contam histórias, causos, ao redor de uma fogueira, comem e bebem comidas típicas, fazem também a aplicação do rapé, o corte de cabelo e as pinturas corporais.

Na madrugada do dia 19 de abril, esses grupos começam a cantar, dançar, e saem em direção ao centro da aldeia de Barra Velha cantando e dançando. A aldeia fica, aproximadamente, a um quilômetro de distância da praia. Passam, então, nas ruas da aldeia cantando, dançando, e muitos parentes que vão acordando também acompanham pelas ruas da aldeia, até o dia clarear. Passam pela escola, sede, igreja católica e terminam no Centro Cultural Maturembá, que, depois, continua a festa do dia do índio. Muitos parentes se emocionam por ver a força e a união dos parentes. Um momento

magnífico em que podem contemplar o nascer do dia e ver a perfeição de Niamisũ.

2.1.2 Ritual da Busca do Pai da Mata e Hamãĩ

É um ritual praticado na festa das águas, na aldeia Imbiruçu (Carmesia/MG). Os homens vão para dentro da mata cantando, dançando, e voltam com o Pai da Mata para o Centro Cultural Mangagá; assim também fazem as mulheres que vão para dentro da mata cantando e dançando, e depois voltam com a Hamãĩ até o Centro Cultural. Lá todos se encontram, cantam e dançam em agradecimento aos seres encantados presentes. Depois, tanto os homens quanto as mulheres, vão devolver os seres encantados para a mata, entoando seus cantos.

Este ritual é para homenagear e demonstrar o total respeito e reverência que o povo Pataxó tem por esses seres encantados. São seres protetores da mata, protegem os animais e plantas. Ao final do ritual, acontece um banho de lama, depois um banho de água da lagoa sagrada para a purificação do corpo e da mente. É também um momento de alegria, descontração entre todos, celebrando e lembrando sobre como surgiu o povo Pataxó, uma vez que somos filhos da água.

2.1.3 Ritual da Lua Cheia

O ritual se inicia quando a lua começa a nascer, acontece em toda lua cheia, é um ritual praticado pelo povo Pataxó para homenageá-la, agradecê-la, como grandiosa e exuberante que ela é. A mim, transmite tanta paz, alegria, harmonia; quando participo, meu corpo se arrepia, meus olhos brilham, meu coração acelera.

Algumas aldeias Pataxó são praticantes desse ritual, mas o grande exemplo é o da aldeia mãe de Barra Velha, que faz o ritual todo mês. São realizadas várias coisas, como cantar, dançar, comer e beber comidas típicas.

Para o povo Pataxó o ritual traz força, fortalecimento espiritual, e se tornou uma vitória, uma rotina. Permaneceu adormecido por algum tempo, mas, hoje, graças à Niamisũ (Deus) e alguns parentes guerreiros, tem acontecido o resgate desse ritual importantíssimo para nosso povo.

Quando se faz um trabalho de resgate de tradições, isso favorece, revitaliza e valoriza a cultura, incentiva nossos costumes, traz de volta uma realidade presente no passado, que há muitos e muitos anos se vivenciava e que, com o passar do tempo, ficou adormecida, devido às violações de direitos. Hoje, é uma grande alegria saber que esse ritual faz parte do nosso convívio.

Antes do ritual, tem toda uma preparação da fogueira, das comidas, das bebidas e, principalmente, do corpo e da mente. Alguns parentes fazem o uso de banhos de ervas como uma preparação para receber os encantados e espíritos de nossa ancestralidade. A aplicação do rapé também está presente no ritual, acontece no início e no fim. As reações se apresentam de modo diferente de pessoa para pessoa, geralmente os homens são os que mais usam. Ao final, depois do ritual, são servidos os alimentos, comidas e bebidas típicas. Alguns parentes ainda ficam reunidos em volta da fogueira, contando histórias, fumando o timbero e aplicando o rapé. Nascimento comenta:

Lua cheia: Essa é a lua que nos traz muita alegria. É a maior. É quando está toda completa no céu, bem redonda. E quando nasce vem bem amarelada, com toda força para nos visitar e dar todo fortalecimento. Então, é nesse tempo que fazemos os pedidos e agradecimentos. É também muito bom para fazer óleo de dendê e de côco, pois rende mais. É a lua que mexe com todo o ser, principalmente com o feminismo. E é nesse momento que realizamos o ritual Dawê Mayô Ixé, para homenagear a vinda dessa lua. (NASCIMENTO, 2018, p.11,12)

2.1.4 Ritual Awê Heruê

O canto e a dança Pataxó tornaram-se uma ferramenta importantíssima na afirmação e valorização da sua cultura. Os cantos foram importantes para a manutenção de expressões da língua que se mantêm ao longo dos anos. Mesmo com as influências impostas pelo contato frequente e contínuo com a cultura não indígena, o canto tornou-se um forte instrumento de resistência do Povo Pataxó. Com o passar dos anos e já com o trabalho de pesquisa

realizado pelo grupo de coordenação Atxôhã (um grupo com professores indígenas e pesquisadores do povo Pataxó que atua também na formação de professores de língua materna, o Patxôhã, que surgiu por volta de 1998 a 2000, realizou e realiza pesquisas de campo e documentais. Este grupo busca, incansavelmente, anotações, registros memórias com os nossos velhos, com a finalidade de retomar nossa língua materna), novas músicas surgiram e estão surgindo, graças a esses grandes guerreiros. Ao compartilhar esse grande momento, nos enchemos de orgulho ao vivenciar essa vitória épica, como descreve a parente abaixo:

A coordenação Atxôhã, uma iniciativa autônoma dos pesquisadores Pataxó, foi criada para dar continuidade aos trabalhos da pesquisa, articular atividades como encontros, reuniões, oficinas e acompanhar o trabalho dos professores de Patxôhã nas aldeias. A Atxôhã é composta por uma coordenação geral e os coordenadores de área, que são representados por pesquisadores pataxós que articulam as atividades nas comunidades. (BONFIM, 2012, p.85,86)

No ritual Awê Heruê, todos os membros da comunidade que desejam participar, como crianças, jovens, adultos, anciões, podem participar; há um momento para os homens e para as mulheres. Há também aquele momento dos visitantes, pois eles não podem participar das danças iniciais e nem do canto final. Somente nós, indígenas, podemos iniciar e terminar nossas orações, nossos rituais. O ritual é o momento que tiramos para festejar, homenagear e agradecer.

No ritual temos músicas, danças, bebidas e comidas tradicionais do povo Pataxó. Tem um momento de aplicação do kuhú (rapé) para aqueles que desejarem participar desse momento. Temos os nossos adereços, tais como o cocar, a tanga, o colar, a pulseira, o bracelete, os chocalhos, os brincos e o cinto. Há também os instrumentos musicais como o maracá, o apito, a flauta, o tambor. Nos rituais, emitimos vários sons como os dos apitos, que são sons imitados dos pássaros. A pintura se faz necessária por ser o momento de contato com nossos anciões e com a natureza, e por ser o movimento mais antigo do nosso povo, passado de geração a geração. Buscamos, nesse ritual, a comunhão com nossos parentes e entramos em contato com a natureza ao nosso redor.

O Awê acontece em nossas aldeias com os próprios membros pertencentes a ela e também parentes vindos de outras aldeias. Nós nos reunimos em fila ou círculo, de acordo com a música cantada, homens de um lado e mulheres de outro. Iniciamos o Awê sempre com uma oração, quase sempre com a denominada oração Pataxó, a Kanã Pataxí, ou outra oração escolhida. Logo depois, dá-se seguimento com as músicas em Patxôhã ou em Português, que são as mais antigas. Em algumas músicas, as mulheres puxam por ter necessidade de um tom feminino, em outras, os homens puxam, por necessidade de uma voz mais forte. Utilizamos o maracá e o tambor para darem ritmo, que nos acompanham como instrumentos musicais, muitas vezes guiados pelos homens, em algumas aldeias são guiados por homens e mulheres ao mesmo tempo.

Os rituais para nós, Pataxó, são importantes não só para a preservação da nossa cultura, mas também para buscarmos fortalecimento para nossa comunidade, pois quando nos reunimos para fazer nossos rituais, buscamos respeito pelos anciões que já se foram e, então, buscamos também força para estar sempre lutando pelo que queremos.

Os nossos velhos tem grande respeito pelos nossos rituais. Para eles, quando fazemos o nosso Awê, é um momento em que eles recebem os espíritos da natureza. Nota-se que o ritual do Awê Pataxó, sempre foi alvo de observação de vários pesquisadores não indígenas, como segue descrito na publicação abaixo:

O ritual do Awê é o único considerado “coisa dos antigos”. É “algo que sempre existiu e que nem os avós dos velhos sabiam dizer quando começou” [...]. Parece que quando se fazia um Awê antigamente era uma única música/dança o tempo todo. Mas fazer um Awê é uma expressão que hoje se refere a contextos diferentes de festas [...] engloba um conjunto bem variado de coreografias, cada qual com um sentido determinado. (GRUNEWALD, 1999, p. 251 citado por POVOS INDÍGENAS NO BRASIL).

Depois de todas as etapas feitas, todos se reúnem no local onde será realizado o ritual, e as pessoas que participam se organizam e, só então, começam a cantar a oração e os outros cantos, sendo o momento de festejo ou não. Depois do ritual as pessoas vão se alimentar.

2.2 CANTOS E DANÇAS

O canto e a dança estão sempre presentes nos nossos rituais. O canto representa força. Nossos velhos, quando iam para algum movimento que fosse, estavam sempre cantando; nos seus cantos, eles tinham força para vencer cada luta. As músicas (cantos e orações cantadas) presentes em nossos rituais são de grande importância para o nosso povo.

Existem cantos que são mais alegres, cantamos em agradecimentos pelas bênçãos no nosso grande Niamisũ (Deus), também pela visita dos parentes de outras aldeias. Assim como temos cantos alegres, temos cantos tristes, quando da despedida no encerramento do ritual ou na morte de um parente.

Os cantos são como uma forma de consolo e também de força, apoio, da melhor forma possível, aos familiares. Outros cantos são entoados durante retomadas de terra ou em mobilização, demonstrando força, coragem e resistência. Ainda, durante um casamento em que se celebra a união entre casais.

O repertório de cantos Pataxó é tão vasto que, em um ritual, não damos conta de cantar todos. Geralmente as composições das músicas retratam o dia a dia do povo, sua alimentação, luta e pesca, de tudo um pouco.

Com esses cantos, aprendemos a dançar e a cantar e, com isso, aperfeiçoamos a língua, sabemos mais sobre a nossa história. Os cantos são sempre cheios de sabedoria, e quem participa e tem interesse aprende mais a história do nosso povo.

Os cantos trazem alívio às nossas almas, nos fazem flutuar na imensidão dos nossos pensamentos. Na alegria da dança, despertamos sentimentos de respeito aos irmãos, à natureza e ao sagrado. A dança e o canto nos fazem sentir regozijados e, assim, demonstrar que somos um povo feliz. No tempo de tristeza, o luto promove a reflexão, a partilha da dor, a renovação da fé e a busca do infinito.

É por tudo isso que o canto e dança tem servido para despertar em nós o desejo e a iniciativa de revitalizar e fortalecer cada vez mais a nossa cultura, nossa língua e nossas tradições. Tem sido grandes aliados na união e na luta

pela reconquista de nosso território e de nossos direitos. O canto e a dança Pataxó são a expressão de sons e ritos envolventes da cultura de um povo que luta bravamente para não desaparecer. Eles representam a história passada, a luta presente e os sonhos deste povo que não tem medo de viver.

A dança é forte, suave e atraente, mistura que é da expressão de um povo guerreiro. O canto e a dança são harmonia e paz para os nossos corações. Eles levam para longe todo espírito negativo e a infelicidade espiritual. Eles nos trazem vida e nos fazem renascer no amor e na alegria, nossos olhos brilham com tanta emoção.

O canto e a dança Pataxó são espíritos de luz, um espírito misterioso, emotivo, encantado. O espírito da dança é o espírito de união, interação e alegria. Juntos trazem a magia da esperança e sonhos para um povo sofrido, porém guerreiro e feliz.

Cantamos e dançamos em homenagem e gratidão às nossas origens. Nossos corações se agitam. Nossas almas flutuam com grande alegria e nossos corpos se completam com os nossos encantados.

2.2.1 A Língua Patxôhã Como Afirmação da Identidade nos Cantos e Músicas

É importante lembrar e considerar que a violação dos nossos direitos foi o motivo da língua Pataxó ter ficado adormecida. Bonfim explica:

O processo que perpassou a língua pataxó a partir das práticas vivenciadas pelos mais velhos contribuiu nas intervenções linguísticas do povo Pataxó. Como resultado dessa língua, nem tudo havia acabado, como dizia seu Tururim, ficando a “metade da língua”, talvez referindo-se ao conjunto lexical de cerca de 200 palavras, conhecido e compartilhado hoje entre a maioria do povo Pataxó. Nessas últimas décadas, a língua pataxó passa por mais um novo processo de resignificação ou “inteiramento”, como diz Zabelê; porém, desta vez, através da geração mais nova, especificamente de um grupo de jovens pataxó de Coroa Vermelha e Barra Velha, que cria um projeto de pesquisa para ir em busca da língua que estava adormecendo na memória dos mais velhos, decididos a intervir na luta pela afirmação da identidade pataxó, na medida em que eles mesmos tomaram a iniciativa de querer registrar, conhecer e aprofundar sua própria história, a língua e cultura com os mais velhos e compartilhar a partir de ações. Esse processo não foi feito de maneira isolada, e sim de maneira coletiva entre o povo Pataxó. Já é

notável a experiência entre mais velhos, e iniciativas no sentido de desenvolver práticas para valorização e fortalecimento da cultura pataxó. (BOMFIM, 2012, p.59)

A língua Pataxó está presente no cotidiano dos indígenas, porém, não com a intensidade desejável. Tentaram tirar o direito de continuarmos falando a nossa língua, desde a chegada dos colonizadores e de suas imposições dos seus costumes e tradições, em um período em que aldeamentos foram forçados provocando um trabalho mais efetivo de extermínio da língua falada.

Todavia, nem tudo foi perdido da língua antiga. Esse resgate foi possível porque foram preservadas nas memórias, as músicas e as palavras de uso comum entre as pessoas mais velhas. A língua falada antigamente é, certamente, da família de línguas Maxakali, pertencente ao tronco Macro-Jê. Atualmente, se consegue fazer comparação e perceber significados semelhantes entre as duas línguas. Podemos afirmar também que existiam semelhanças não só nas línguas, mas também em alguns costumes desses povos.

É preciso lembrar que o processo de estudo da língua começou há muito tempo, antes mesmo da pesquisa atual. Com o passar do tempo, houve a necessidade de um estudo mais incisivo, que foi ganhando força. Para a realização desse trabalho, o meio encontrado para fazer acontecer foi a realização de discussões do grupo de pesquisa Atxôhã, em que seus participantes optaram por não haver participação de linguistas e antropólogos não indígenas. Jerry Matalawê comenta:

Nós queríamos fazer um trabalho independente, a gente não queria fazer um trabalho com antropólogo ou com linguista etc. e tal. Nós queríamos fazer um trabalho independente entre nós, esse é um marco importante. Naquele momento a gente entendia que se a gente fizesse algo externo, a gente acabaria não ficando com o controle da pesquisa, o outro lado, os resultados poderiam não ser os resultados nossos porque alguém levaria o nome e principalmente tínhamos a preocupação que o resultado disso não fosse implantado na comunidade e nem teria a validade dos mais velhos. Isso a gente avaliou naquele momento e entendia que a gente deveria colocar a nossa cara, nós mesmos enquanto índios, enquanto professores e enquanto jovens que necessitávamos tomar a frente disso. (Entrevista com Jerry Matalawê, na Aldeia de Coroa Vermelha, dezembro 2011, citado por BONFIM, 2012, p.74)

Nós entendemos, hoje, como o resgate do Patxôhã é um processo coletivo. Valem ainda mencionar as contribuições dos mais velhos, através das suas práticas, ações e de suas verdadeiras histórias de vida, contadas e vividas por eles antigamente, sem as quais o trabalho não seria possível. Também vale dizer o desejo que os próprios indígenas tiveram, seu interesse pelo estudo.

Então, como esta pesquisa de percurso acadêmico reconhece, foi muito bom que o trabalho de resgate da língua tivesse o envolvimento dos próprios indígenas professores, pesquisadores e lideranças Pataxó, sem precisar ter a mão de um não índio decidindo sobre nossa língua, nossa cultura, nossos costumes e sobre as nossas histórias e as dos anciões. A língua falada pelos Pataxó pertence ao tronco linguístico Macro-Jê, entretanto, durante as pesquisas, foram catalogadas palavras entre os mais velhos provenientes de outras línguas de outros troncos linguísticos. Bonfim registra:

Dentre as listas de vocábulos que foram coletados foram identificadas palavras de origem de línguas do mesmo tronco linguístico Macro-Jê e algumas do tronco linguístico Tupi. Dentre essas foram consideradas as palavras que os mais velhos conheciam e falavam há muito tempo e as que evidenciavam ser material linguístico Pataxó, no que se refere aos registros escritos. Levamos em consideração o vocabulário de Bahetá registrado por Maria Araci Lopes de Azevedo e Greg Urban em 1983, entre os Pataxó Hã hã hãe, já que estes, historicamente, também faziam parte do mesmo grupo étnico Pataxó e, também, porque percebemos que os professores Pataxó de Minas Gerais já estavam ensinando palavras da língua de Bahetá na escola, assim como as registradas por Wied (1989). Entretanto, era importante valorizar as formas das variantes lexicais que as comunidades Pataxó estavam considerando como sendo parte da língua pataxó, evitando, assim, a sobreposição de uma variante lexical como sendo melhor do que outra. Sendo assim, no vocabulário organizado pelo grupo de pesquisa Pataxó encontram-se formas lexicais diferentes para um mesmo significado. (BONFIM, 2012, p.75)

Os cantos tem grande importância no uso do Patxôhã, como é chamado o idioma Pataxó. O Patxôhã usado nos cantos e músicas é a prática que mais facilita a aprendizagem da nossa língua.

A música é um elemento importante na vida do povo Pataxó há muito tempo, por ser uma linguagem que permitiu “guardar” a memória da vida e da cultura do povo Pataxó, podendo ser transmitida para os mais jovens e também como um elemento para o fortalecimento da identidade do povo Pataxó. (BONFIM, 2012, p.62)

Aprendemos cantando com nosso idioma, uma prática deliciosa, onde podemos expressar com amor e veemência esse aprendizado, percebemos a grandeza das melodias dos cantos, que enchem nossos ouvidos de ensinamentos e emoções.

Hoje, as escolas indígenas têm um papel fundamental no fortalecimento e no ensino do Patxôhã nas aldeias, uma vez que sua importância é trabalhada e incentivada em sala de aula pelos professores. Temos o professor de Patxôhã que tem um papel muito importante, ele ajuda os estudantes com o estudo da língua, desde o ensino infantil. Observa-se que as crianças, adolescentes, jovens, todos em geral, aprendem com a observação dos rituais, dentro da aldeia, de modo espontâneo. Em meio a tantas transformações ocorridas ao longo dos anos, vale ressaltar que elas influenciaram e muito no processo de resgate dos elementos fundamentais para a consolidação dos estudos referentes à cultura Pataxó. Todavia, ao mesmo tempo em que a cultura ganha forças para continuar, os impactos sofridos pela “evolução” tecnológica, como a chegada de energia, celulares, posteriormente a internet, à vezes, dificultam um pouco esse processo.

2.3 ADEREÇOS E ADORNOS PATAXÓ UTILIZADOS NOS RITUAIS

Os adornos, para nós Pataxó, são importantíssimos, significam proteção. Quando fazemos o uso deles, nos sentimos protegidos pela força e energia de cada material utilizado em sua confecção. São materiais naturais retirados da natureza, portanto, cada semente, cada fibra e madeira, têm sua força e significado para nós. Eles são usados nos rituais, nos eventos como as reuniões da comunidade, na sala de aula, em todos os lugares que queremos. Há aqueles adereços que usamos só em rituais. Os adereços são um importante instrumento de afirmação cultural do nosso povo Pataxó. Todos na aldeia usam, desde crianças, adolescentes, jovens, homens, mulheres, anciãos. Há também aqueles que só os homens usam, e outros que somente as mulheres fazem o uso.

2.3.1 Cocar (Wrataká)



(Arquivo pessoal)



(Arquivo pessoal)

O cocar é um instrumento sagrado para os Pataxó, porque tem um grande valor e serventia. No passado era conhecido como casquete. O cocar Pataxó simboliza a união das aldeias, a pena maior do meio representa a aldeia Barra Velha (aldeia Mãe) as outras penas menores representam as outras aldeias.

Antigamente, o cocar dos Pataxó era feito apenas com duas penas de papagaio: colocava-se uma de um lado e a outra do outro, amarradas na palha. Algumas mudanças ocorreram na forma de fazer o cocar e, hoje em dia, os Pataxó usam mais penas coloridas. Assim, ele é atualmente confeccionado com penas de chukakay (galinha), de arara, patos e outras aves; fibra de palha de aricuri (coco de praia) e alguns materiais de não índios, como a cola para prender as penas.

Há vários tipos de cocares feitos e usados de maneiras diferentes pelos Pataxó. O cocar de uso pessoal tem um sentido e uma simbologia muito forte em ocasiões especiais e em membros com funções diferentes. Isso quer dizer que para um membro usar dentro da comunidade um cocar com apenas uma pena, duas penas, ou três penas na frente do cocar, em destaque, significa que ele é um cacique ou um chefe comunitário de alguma instituição. Quando a

pessoa não exerce nenhuma função, ela usa cocares simples de acordo com seu gosto.

Cada membro indígena Pataxó não deve vender o seu cocar de uso pessoal, nem emprestá-lo para outras pessoas, nem deixar em qualquer lugar, como forma de desprezo, pois o cocar para o povo Pataxó é um amigo e um parceiro nos momentos de cerimônias e rituais, para trazer força e energia mental, física e espiritual.

2.3.2 Colar (Masaká)



(Arquivo pessoal)



(Arquivo pessoal)

Adereço sagrado para os Pataxó, pelo qual se tem um grande respeito. Cada lugar tem os seus colares de uso diário, em seus rituais, cerimônias, trabalhos e em outros eventos. O colar ou masaká é um adereço feito pelos Pataxó para o uso cotidiano. Cada membro de uma comunidade indígena tem que ter os seus próprios colares.

Os colares Pataxó são criações de sementes oferecidas pela natureza, pela Mãe Terra. Os colares são feitos com sementes de pariri, tento, matapasso, olho de pombo, juerana, salsa da praia, mauí, café-beirão, pakari, milagre etc. Para ficarem mais bonitos, também são usados como enfeites, ossos, madeirinhas, penas, linhas de tucum, linhas de nylon e linha encerada.

Hoje, existe também a confecção dos colares de missangas, uma nova técnica usada por nós.

O uso dos colares pelos Pataxó tem um fundamento forte, as pessoas estão se protegendo de alguma coisa ruim: olho gordo, mal olhado e outros males. Da mesma maneira como ocorre com o maracá, os colares de uso pessoal não podem ser vendidos, doados ou emprestados a outras pessoas, pois eles são adereços abençoados pela natureza viva.

Os colares Pataxó são como uma corrente de união entre sementes e cores da terra, assim é a comunidade indígena.

3.2.3 Tanga (Tupsay)



(Tanga de imbirá de biriba – Arquivo pessoal)



(Tanga de taboa – Arquivo pessoal)

A tanga é uma vestimenta de muito valor e respeito para os Pataxó. É uma vestimenta de uso pessoal utilizada em momento ritual, em batalhas, e é sua companheira em todos os lugares. Cada etnia tem a sua vestimenta com estilos e formas diferentes de serem feitas e usadas. A tanga Pataxó é feita de biriba, uma espécie de árvore da mata, e também de taboa, vegetação encontrada nos brejos. O nome dado a essa vestimenta em Pataxó é ‘tupsay’, que significa ‘roupa’.

A tanga de biriba, como qualquer outro adereço Pataxó, não deve ser emprestada, vendida, ou deixada de qualquer jeito, pois ela, juntamente com

outros instrumentos indígenas, deixa os Pataxó mais fortalecidos e protegidos.

2.3.4 Brincos (ẽp'oy)



(Arquivo pessoal)



(Arquivo pessoal)

Os brincos são adornos produzidos com a mistura de diversos materiais, como sementes, penas, fibras de tucum, linha encerada, nylon, madeirinha, osso, casco de tartaruga, missangas. Usados na maioria das vezes pelas jokanas (mulheres), mas alguns homens também fazem seu uso.

2.3.5 Pulseiras



(Arquivo pessoal)

São enfeites corporais para o pulso confeccionados, principalmente, de

sementes de juerana e tento, de missangas e casco de tartaruga. Como todo adereço Pataxó, cada material usado da natureza traz consigo energias que são transmitidas para cada um de nós.

2.3.6 Cintos



(Cinto de sementes - Arquivo pessoal)



(Cinto de crochê - Arquivo pessoal)

Os cintos são enfeites para adorno da cintura utilizados em diversos eventos, principalmente, em momentos de ritual, como a festa do dia do índio. São feitos de sementes de tentos naturais e coloridas, açai, madeirinha, coquinhos de aricuri e também há alguns feitos de crochê com missangas.

2.3.7 Prendedores de cabelo



(Arquivo pessoal)



(Arquivo pessoal)

Os enfeites para prender o cabelo feminino têm como matéria prima sementes, penas, madeirinhas e linha encerada. São adereços que trazem as memórias dos povos Pataxó, de seus artesãos.

2.3.8 Tiaras



(Arquivo pessoal)



(Arquivo pessoal)

Adorno usado pelas jokanas (mulheres), é feito de penas, fibras de coco de aricurí e sementes. São enfeites que realçam a beleza das mulheres indígenas, quando são solteiras usam as tiaras mais chamativas.

2.3.9 Braceletes e tornozeleiras



(Tornozeleira - Arquivo pessoal)



(Bracelete - Arquivo pessoal)

Os braceletes e tornozeleira são enfeites corporais usados tanto por homens quanto por mulheres, feitos de penas, sementes e missangas. São de grande importância, pois carregam energias positivas.

2.3.10 Bustiês



(bustiês - arquivo pessoal)

São feitos de sementes de tento, juerana, da fibra de imbiriba e de linha de crochê. Anos atrás eram feitos de palha de bananeira ou de fibra de taboa. De uso exclusivo feminino.

2.4 INSTRUMENTOS MUSICAIS UTILIZADOS NOS RITUAIS

2.4.1 Maraká (Marakāyñã)



(Maraká – arquivo pessoal)

O maraká é um instrumento sagrado para o povo Pataxó, que o acompanha no momento dos rituais internos e externos da aldeia. É como uma espécie de um globo, uma cabeça humana, onde os conhecimentos, saberes e riquezas ficam armazenados para cada Pataxó, criança ou adulto, que os possua. O maracá é o companheiro de viagens, de manifestações, de lutas, assim como o tupsay e a borduna, ou seja, os Pataxó e o maraká são inseparáveis.

Os Pataxó confeccionam e produzem os marakás de coco e cabaça. Existem maracás com detalhes Pataxó e os rústicos. Neles são colocadas as sementes de tento e, às vezes, sementes de parirí. Há também os marakás produzidos para comercialização em barracas e lojas. Esses marakás também são feitos com cocos, cabaças e com pequenos pedaços de cipó, bambu e raízes de mangue.

Esse instrumento é produzido por técnicas manuais bastante cuidadosas para que saiam em estado perfeito. Até porque é confeccionado por elementos retirados da própria natureza, como o coco, a cabaça, as sementes, as cordas de imbiriba e o apoiador de mão. É ele que entoa e sintoniza os sons do ritual

do Awê.

Assim, o maraKá é um dos instrumentos Pataxó pelo qual se deve manter o respeito e o cuidado. Ele não deve ficar exposto em qualquer lugar, nem ser emprestado. No momento em que se bate ou toca o maraKá, os Pataxó estão convidando os anciãos e os antepassados para festejarem com eles aquele momento. Esses contatos com os elementos da natureza os deixam mais fortalecidos.

2.4.2 Tambor



(Arquivo pessoal)

Inicialmente eram feitos de couro de animais com madeira, esse tipo de tambor é pouco produzido atualmente, devido à preocupação com a extinção de alguns animais. Atualmente usamos os tambores industrializados, são usados nos rituais, principalmente quando se canta cantos mais agitados, para marcar o ritmo.

2.4.3 Apitos



(Arquivo pessoal)

Feitos de madeira e de bambu, são usados em meio aos cantos e danças, geralmente para imitar os pássaros. Tem um poder lindo, trazem as energias da natureza, através dos sons dos cantos dos pássaros reproduzidos.

2.5 INALAÇÃO: PRÁTICA CULTURAL

2.5.1 Cachimbo (Tímbero)



(Arquivo pessoal)

O tímbero feito de madeira é usado pelos Pataxó para incensar e afastar as influências negativas. Colocam-se ervas medicinais, amesca, alecrim, fumo, aruanda e sementes como imburana; as ervas são queimadas durante o ritual e não irritam os olhos.

2.5.2 Txamihakabu ou kuhú (Rapé)



(Arquivo pessoal)



(Arquivo pessoal)

Feito de ervas medicinais, o pó das folhas torradas no fogo, pisadas, servem como remédio para gripes, resfriados e descarrego. É, portanto, uma prática usada pelos Pataxó em todos os momentos, em rituais, em casa e, principalmente, quando saímos da aldeia.

3. PROCESSO DE TRADUÇÕES DE ALGUNS CANTOS PATAXÓ

O trabalho de tradução do Português para o Patxôhã e vice-versa é uma circunstância de aprendizagem, pelo fato de estarmos vivendo um processo de afirmação da língua Pataxó. Os cantos, na atualidade, estão tendo um papel fundamental, sua valorização se caracteriza como uma das maneiras que o nosso povo encontrou para afirmar a sua língua. O trabalho com os cantos em Patxôhã nas escolas indígenas é uma estratégia que proporciona às crianças, adolescentes e jovens, aprenderem a língua cantando. Depois da aprendizagem com os cantos, fica facilitado o diálogo na língua.

Traduzir os cantos para o Patxôhã ou para o Português é um processo muito complicado, porque tem muitas palavras que não encontramos em uma ou outra língua. Temos, muitas vezes, que adaptar as traduções, procurando palavras de sentido próximo. Também há a questão de manutenção do ritmo e da melodia dos cantos, o que exige muito trabalho para organizar cada composição.

Para os cantos que traduzi, contei com a apostila de Patxôhã normalmente utilizada em nossa escola indígena. Apetxiênã Pataxó, universitário da habilitação de Matemática do FIEI/UFMG, foi um importante interlocutor nesse processo. Esclareço que, dada a sua importância, optei por deixar registrados neste trabalho alguns cantos, mesmo sem a sua tradução. Por razões culturais, nem sempre é pertinente elaborar uma tradução.

3.1 A IMPORTÂNCIA DOS CANTOS

Os cantos, como já salientado, têm uma grande importância e representatividade para nosso povo. Cada uma tem seu significado, marcando acontecimentos históricos e demonstrando o estado de espírito da comunidade. Com as orações cantadas iniciamos qualquer atividade em nosso dia a dia, são elas que nos direcionam a um dia maravilhoso cheio de positividade. Fazer as escolhas entre o vasto repertório de cantos existente foi difícil.

Os cantos antigos aqui selecionados possuem uma relevância muito forte, não apenas para mim, mas para o povo Pataxó. A cantiga “O cumade kuitá” me fez lembrar da minha madrinha Maria José, a primeira cacique da minha aldeia. Nos rituais, ela sempre cantava. Foi muito interessante perceber que este canto faz parte de um acervo antigo, sendo entoada desde sempre pelos anciãos, trazendo a força da ancestralidade. O canto “O fogo de 51” retrata o massacre que houve na aldeia Barra Velha, em 1951. Referindo-se ao acontecimento histórico marcante para meu povo, esse canto mostra o sofrimento, a tristeza e o sentimento forte de quanto é importante resistir para vencer, transmitidos para nossas novas gerações. Somos Pataxó, povo guerreiro, somos verdadeiros brasileiros.

A “Masaká” é um canto antigo que fala da riqueza da natureza, da importância das sementes que são transformadas em adereços. Adereços que contribuem, inclusive, com a renda familiar. A “Mata da Jurema” foi escolhida pelo fato de falar dos guerreiros Kirirí Sapuiá, sendo que uma parte da minha família faz parte desse grupo étnico.

Para finalizar os rituais, cantamos o canto “Ãgwa’ré”. Nesse momento, damos as mãos e, juntos, nós direcionamos até o centro da roda e nos curvamos para agradecer a Niamisũ pelo ritual e por toda força, energia, pensamentos positivos e união que temos. Assim finalizamos o ritual.

Os cantos destacados aqui representam a magnitude do Patxôhã, servindo como afirmação cultural e linguística para o povo Pataxó. Deixo claro que o povo Pataxó possui uma grande quantidade de cantos, e que esses que aparecem no meu trabalho são apenas uma representatividade desse acervo histórico.

3.2 CANTOS EM PATXÔHÃ E PORTUGUÊS

3.2.1 Orações cantadas no início e no final dos rituais

3.2.1.1 *Kanã Pataxí Petõi*

Nós usamos esta oração quando vamos começar a cantar em todos os acontecimentos e eventos realizados, é um momento onde buscamos o máximo de comunhão e união para que, durante o ritual, todos possam sentir paz e alegria. Nesta oração, pedimos a Siratã (Jesus) que nos abençoe, que nos ilumine e nos proteja, que supra as nossas necessidades e fique conosco o tempo todo no ritual, dando força.

Kanã Pataxí Petõi

Bayxu'txe naãhã pokãya're

Ahnã petõi puhuy

Ahnã petõi akuã

Ahnã petõi sarã dxahá txob haré (2x)

Kahab txe siratã(3x)

Dxá'á uip ápôy ûmip maiõ (2x)

Tradução:

Na minha aldeia tem

Beleza sem plantar

Eu tenho arco

Eu tenho flecha,

Eu tenho raiz para curar (2x)

Viva Jesus (3x)

Que nos vem trazer a luz (2x)

(Trad.: Matalawê)

3.2.1.2 Goiá Miãga

É uma oração de agradecimento ao nosso criador pelas bênçãos concedidas, através dos alimentos do dia a dia.

*“Goyá miãga de airy, keroĩ kuiûna keroxi.
Kehe momê keteinó, bayxó mukeka aromató.
Warukã patybaré mirapé jêgri tehemeré”*

3.2.1.3 ãgwa'ré

Encerramos os rituais ou eventos com este canto. É um canto de celebração. Quando queremos homenagear uma pessoa ou nos despedir de alguém, colocamos a pessoa no centro da roda e ficamos dançando e cantando em volta dela, para darmos energias positivas.

*ãgwa'ré dxahá iõ itohã mé'ádxê
ãgwá'ré dxahá iõ itohã mé'ádxê hãgnahay
Tanara mehexó upú jiktayá suniatá
Uhitué apõnê miruã mé'á nomaysõ
Kahab' txêhê ê êêhê ê êêhuuu*

Tradução pessoal livre:

*Olhando para o céu é ver
Olhando para o céu é ver amanhã
Natureza cheguei de passarinho cantar
Alegre felicidade besouro é bom
Vivido hêêhêêiiii*

3.2.2 Cantos antigos

Esses cantos foram recuperadas junto aos mais velhos.

3.2.2.1 Hino Pataxó

Este é um canto de honra e de força do nosso povo Pataxó. Ele se apresenta apenas na língua portuguesa.

*Brasil que vive alegre muito valoroso
Brasil que vive alegre para enfrentar
As nossas armas já estão seguras
E no momento mandam me chamar
Os Pataxó para serem felizes
Porque somos donos dessas terras
Ó pátria amada quando cantam o seu hino
Os Pataxó compreendem seu destino.*

3.2.2.2 O Cumade Kuitá

*O cumade Kuitá (2x)
Moça bela awê
Awêêê awê
Awêêê awê*

3.2.2.3 Fogo de 51

*Eu vou contar agora
O que aconteceu
No ano de 51
O que meu povo sofreu*

*Teve índio que sofreu
Pensando que ia morrer
Com as mãos amarradas
Impedido até de comer*

*Eu vou pedir
Ao povo do Brasil inteiro
Para dar apoio ao índio
Pois somos todos brasileiros*

*Outros correram para bem longe
Pensando que estavam em paz
Quando olharam pra frente
Quase caíram pra trás*

*Tinha um grupo de homens
Todos estavam armados
Prontos para destruir
A vida daqueles coitados*

*Eu vou pedir
Ao povo do Brasil inteiro
Para dar apoio ao índio
Pois somos todos brasileiros*

*Se o índio tivesse direito
Como outra nação tem*

Não existia conversa

De nada também

Eu vou pedir

Ao povo do Brasil inteiro

Para dar apoio ao índio

Pois somos todos brasileiros.

3.2.2.4 Masaká

Faço masaká com matapasso faço masaká com mauí (2x)

Faço masaká com buzo e também com pakary (2x)

A corda é de tucum de tucum mirim (2x)

Faço masaká baixú que também serve pra mim (2x)

Depois eu vou vender e pego o kaiãbá (2x)

Pra comprar tupsay e depois eu hamiá (2x)

Aqui na minha aldeia eu quero hamiá (2x)

Com îhé baixú e jôkana baiká (2x)

Hamea îhé, îhé baixú (2x)

Hamea kitok com seu bajaú (2x)

3.2.3. Exercícios pessoais de tradução dos cantos

3.2.3.1 Mata da Jurema

Lá na mata da jurema tem um jacarandá (2x)

E é lá que estão os guerreiros os meu índios Sapuiá (2x)

*Ôô pisa na jurema quero ver pisar. Ôô pisa na jurema
Kirirí Sapuíá (2x)
(Autor: Wiliam Fernandes)*

Tradução pessoal livre:

*Higuá uĩ ĩbá upâ kenãhé petoĩ nioniênã jacarãdá
Ûg me'á higuá dxa'á torotê iõ pxohã iõp txihí Sapuíá
Iõ henohê'xó uĩ kenãhé tokeré dxê henohê ..
Iõ henohê'xó uĩ kenãhé Kirirí Sapuíá.*

3.2.3.2 Txuhap Pataxó

*txuhap pataxó japoterú iê hãgnahay kaô
txuhap pataxó dxahá napinatô pataxí
txuhap hamiá*

Tradução pessoal livre:

*Vamos Pataxó quando a manhã
Vamos Pataxó para nossa aldeia
Vamos dançar*

3.2.3.3 Pataxó Txihí Aponãhí

*Pataxó txihí aponãhí
Kahab'xó aponãhí ãxé napinatô pataxí
Iê tanara mê'á akdxihí dxahá hôtehõ
Uênahá'xó iê napinatô pakhê
Hôtehõ mê'á txihí aponãhí
Mê'á ikhã'xó ãxé karnetú hãhão
Heyná heyná há*

Tradução pessoal livre:

*Pataxó índio feliz
Vive feliz em nossa aldeia
A natureza é tudo para nós
Preserva a nossa cultura
Nós somos índios felizes
É luta em nosso chão
“heyná heyná há”*

3.2.3.4 Dawê Hayõ

*Dawê hayõ (2x)
Ahnã kanã kahtonetú
Txuhap suniatá hamiá
Dxahá anehõ awêry tupã (2x)*

Tradução pessoal livre:

*Adeus sol, eu e minha amiga
Vamos cantar, dançar
Para você, obrigado Deus*

3.2.3.5 Tuhutary Paxixá

*Tuhutarí paxixá
Suniatá hãmiá
Hũ iõp Kanã taputarí
Uĩ hãhãw Kanã pataxí pataxó
Tokerê ihê iõ kawatá tibá kamayurá
Uhitué hũ nitxi wekanã
Mukayrá niamisũ apôy*

Hotehõ niamitãg
Niamisũ apôy hotehõ niamitãg

Tradução pessoal livre:

Hoje vou cantar dançar
Com os meus parentes
Na terra minha aldeia Pataxó
Quero aquele coração “tibá” coragem
Alegre com Deus vem nos proteger,
Deus vem nos proteger

3.2.3.6 Japoterú Ahnã ãgwá're

Japoterú ahnã ãgwá're
Pahnê niamitãg ãpú suniatá
Ahnã suniatá dxahá tupã
Dxahá Tupã hotehõ juremá

Tradução pessoal livre:

Quando eu olhar
Dá proteção de cantar
Eu canto para Deus
Para Deus nos jurema

3.2.4 Traduções de Terceiros

3.2.4.1 Pataxó Muká Mukaú

Pataxó Muká, Mukaú
Muká, Mukaú
Pataxó Mayõ Werimehe
Mayõ, Werimehe
ehtõ, ehtõ, ehtõ Pataxó
Kotê Kawi Suniatá Heruê
Heruê-Hê-Hê – Heruê, Heruê

Tradução:

Pataxó unir, reunir, unir, reunir
Pataxó luz do amor, luz do amor
Te amo, te amo, te amo Pataxó
Beber cauim e cantar awê
Awê-he-he – awê, awê

(Trad.: Matalawê, 1999).

3.2.4.2 Ãhõ Trakejá

Ãhõ trakejá
Ãhõ muhũ txihi pataxó kamyurá
Patxitxá takap akuã
Patxitxó mikay ãdxihí mukueme
Txuhap muká penaô
Henuhé ãhõ muhõ
Heruê eiê eiê heruê eiê eiê heruê

Tradução:

*Não amoleça, não durma índio Pataxó corajoso
Furar com lança e flecha
Cortar com facão não- índio mau
Vamos unir e pisar forte e não cansar.*

(Trad.: Aruã Pataxó & Matalawê, 2000)

3.2.4.3 Niamisũ Uĩ Itohã

*Niamisũ uĩ itohã
lõp txihi hãhão (2x)
Pukãĩ mé'á dxá'á kaô tapurítú
Mé'á niamisũ uĩ itohã (2x)*

Tradução:

*Deus no céu
Os índios na terra (2x)
Oj, quem é que pode mais
É Deus no céu (2x).*

(Trad.: Matalawê)

3.2.4.4 Giktaíá Torotê Sũniatairá:

*Giktaíá torotê sũniatairá(2x)
Hũ kotenokô sũniata' xó bayxú olé lê
Tohnõ naxoxi'rá bayxú olá lá*

Hãhũhê hêhaá olê lê

Hãhũhê hêhaá olá lá

Tradução:

Passarinho tá cantando

Oi, passarinho tá cantando

Com seu canto bonito, olêlê

Vai voando bonito, olá lá

Chama há, há, há, olêlê

Chama há, há, há olá lá.

(Trad.: Matalawê)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando comecei a construir esse trabalho meu maior interesse era conhecer, de uma maneira profunda, a história da minha aldeia Meio da Mata e um pouco mais sobre alguns rituais e adereços do povo Pataxó, as lutas dos anciões pela conquista e permanência na aldeia.

Ao escrever sobre esses temas minha intenção era dar visibilidade e valorização à memória dos mais velhos que lutaram durante anos para sobreviver e permanecer no território.

Ao buscar as histórias dos entrevistados, aprendi coisas que não sabia, como as histórias do meu avô, que foram contadas pelos meus pais Jucelino Sales e Dalva Santos, e pelo meu tio José Sales. Também fiquei conhecendo as histórias de Maria da Conceição. Histórias sobre a primeira escola da aldeia, sobre o primeiro cacique, sobre a primeira cacique e suas lutas pela afirmação da cultura.

Este resultado do meu percurso acadêmico deixa registrado que muito dos nossos parentes, mesmo sem conhecimento da escrita e da leitura, possuem grandes conhecimentos adquiridos através de suas vivências nas lutas.

É um trabalho que me trouxe muito mais que imaginava, trouxe força, conhecimento, valores de vida e respeito. Temos que ir a fundo, pesquisar, participar, ele me fez adquirir vários aspectos de conhecimento, principalmente sobre os cantos, adereços e os rituais Pataxó.

Durante o período da pesquisa, pude ouvir e observar o quanto meu povo mantém firme, apesar de todas as adversidades, a prática cultural dos rituais, os cantos e as danças e a confecção dos adereços. Registrá-los é de grande importância para nós, estudantes indígenas e, claro, para aqueles que tiverem interesse em saber um pouco mais sobre a cultura Pataxó. Espero que este trabalho seja fonte de pesquisas nas escolas indígenas Pataxó!

REFERÊNCIAS

BOMFIM, Anari Braz. Patxohã “Língua de Guerreiro”: um estudo sobre o processo de retomada da língua Pataxó. 2012. 127 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Centro de Estudos Afro Orientais, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2012.

POVO PATAXÓ. Inventário Cultural Pataxó: Tradições do povo Pataxó do Extremo Sul da Bahia. Bahia: Atxohã / Instituto Tribos Jovens (ITJ), 2011.

(Povos Indígenas no Brasil-https://pib.socioambiental.org/pt/P%C%A1gina_principal) GREENWALD, 1994, p,251 .

NASCIMENTO, Karini Ferreira do. **Pesca no mangue:** armadilhas tradicionais Pataxó. 2018. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Habilitação em Matemática.

NASCIMENTO, Criscia Santos. **Ritual Dawê Mayõ Ixé.** 2018. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Habilitação em Matemática.

VIEIRA, Vislandes Bonfim. **A importância do canto dentro do ritual do Awê.** 2016, 49f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo horizonte, 2016. FIEI - Habilitação em Línguas, Artes e Literatura.